

Caroline



Caroline

Daniel Cavalcante

E RA UMA NOITE clara, a lua cheia iluminava as trevas e as estrelas piscavam alegremente, como sempre em Goiás; o céu não era negro; possuía um belo tom azul escuro. O sino da cidade badalou doze vezes. Era meia noite, e eu ainda estava acordado, graças aos grilos, cigarras e corujas, que entoavam seu canto pela escuridão. Esses animais, você nunca os vê, apenas ouve e sabe que estão por aí, em algum lugar.

Eu lia um livro, sentado à uma velha cadeira de madeira em frente à lareira, chamas crepitavam, vermelhas e ardentes, em uma silhueta delicada e dançando tal uma elegante bailarina; criando sombras que bailavam no ritmo do som da madeira que estalava. Eu lia um romance inglês, uma história de amor mal resolvido. Evito ler histórias que possam ser de algum modo assustadoras. Não é recomendável para quem é vigia de um cemitério.

Minha vista começa a falhar novamente. Fecho o livro, marcando a página que estava lendo com o dedo indicador e olho, pelo o vidro da janela, prá algum ponto distante no horizonte. Isso ajuda a descansar a vista, principalmente à noite. Porém, a vista da minha janela não era nada tranqüilizante. Eu via um pequeno matagal – os trabalhadores do cemitério estavam preparando aquele terreno para os futuros defuntos, mas ainda não haviam acabado com o mato – e além dele, lápides, crucifixos, mausoléus, estátuas fúnebres e toda a sorte de arte sepulcral. Para alguns, isto seria motivo de felicidade e um ótimo lugar para relaxar e apreciar a paisagem tranqüila e cheia de paz. Para outros, nada pior e mais assustador. Mas o fato é que, por algum motivo, este cemitério, à noite, é uma incógnita. Algumas noites parecia monótono, silencioso e sereno, até mesmo as cigarras e corujas se calavam. Outras, coisas estranhas e anormais aconteciam, sons indecifráveis pareciam discutir com as cigarras e corujas e eu, apesar de completamente céptico em relação a fatos sobrenaturais, sentia um calafrio na espinha, me imobilizando por completo. Por isto, sempre leio romances e poesias que acalmam e tranqüilizam o coração de qualquer mortal.

Olhando para o horizonte, minha vista começou a melhorar, mas não por completo. Concluí que precisava, como nunca, de um oculista. Levantei-me para me aproximar da janela e apreciar a noite, a bela lua que parecia estar

vestida de noiva, em um altar. Como brilhava, e como estava enorme, uma lua quase sobrenatural. Reinava magistralmente a noite, percorrendo toda a vastidão do universo, atravessando o céu, como sempre.

Foi quando eu ouvi a... *A coisa*.

No início, parecia uma ave noturna à procura de presa. Alguma nova espécie que descobrira a tranquilidade do cemitério. Mas o som foi se intensificando e aumentando e, em poucos minutos, pude ouvir com clareza, apesar de ainda parecer distante. Era um canto. Não um canto qualquer, mas um canto singular, cheio de feitiço e magia. Um canto que parecia de uma mulher deslumbrante, cuja beleza e pureza fossem expressas através da voz, que mais parecia uma lira; ou um canto que vinha do – lembre-se, jamais cri em qualquer coisa que eu não pudesse ver, porém tais pensamentos me vieram à mente instantaneamente – além.

Um arrepio subiu pela espinha, mas um arrepio novo, diferente. Este me fez sentir bem. Enfeitou-me. Olhei pelo matagal, entre as lápides e esculturas, olhei ao redor das grades do portão distante, procurando a figura que estava emitindo aquela melodia, mas minha vista turva se embaraçou e nada enxerguei. Pensei em abrir a janela para ouvir melhor o canto, mas logo caí em mim achei melhor sair e ver o que estava acontecendo. Seria um grupo de góticos ou alguma seita fazendo seus rituais no cemitério?

O relógio de pulso marcava 00:02. Coloquei o livro sobre a cadeira e, decididamente, atravessei a pequena sala em direção à porta de madeira, que abri em um rangido. O canto cessou. Indignado e intrigado, resolvi investigar. Entrei no matagal e um novo arrepio me fez estremecer. Talvez eu estivesse tenso demais naqueles dias, e qualquer coisa poderia me assustar. Avancei matagal adentro, e de repente percebi que não havia ave alguma ali. Corujas, corvos, abutres, nenhuma delas. Os grilos e cigarras também estavam em silenciosa ausência. Algo estava acontecendo, e eu ficava cada vez mais curioso, aliás era meu dever não permitir que nada perturbasse o sono dos mortos durante a noite.

Atravessei todo o mato, andei pela terra já preparada para as covas – onde já haviam algumas cavadas e pás com suas lâminas cravadas à terra –, e o canto fez-se ouvir novamente, agora mais claro. Meus pés desapareciam sob a neblina baixa, mas estalavam a cada passo que esmagava a folhagem seca de outono. Tentei me orientar seguindo a direção de onde vinha o som, mas parecia vir de toda parte, e ao mesmo tempo de parte alguma.

“Quem está aí?” Gritei. Não obtive resposta, porém o canto cessou. Perambulei, sem ter a menor noção de onde ir, não vi nada de anormal. Nada se movia. Sequer vento algum moveu uma folha de capim. Animal algum se mostrou. Estrelas pararam de piscar e a lua magnífica permaneceu imóvel, como presa no tapete azul do céu, ou como um animal belo e raro, que corria gozando liberdade ao ser, repentinamente, pego por alguma armadilha e ali

ficado preso, exibindo sua beleza, porém sem liberdade, ou ainda como um belo pássaro preso em sua gaiola.

Decidi verificar o portão. Ora, o muro era demasiado grande para ser escalado, de forma que ninguém poderia entrar senão pelo portão. Caminhei pelas ruas feitas de paralelepípedos, que haviam entre os lotes de túmulos em direção à única entrada. O portão estava trancado com uma corrente e cadeado, exatamente como a deixei, às oito da noite. Remexi as correntes, balancei o portão, mas tudo estavam em perfeita ordem.

Súbito, uma grande desolação me invadiu a alma. Olhei para os lados, observando o espetáculo fúnebre. As lápides pareciam olhos tristes e vigilantes, as árvores, no escuro, adquiriam uma forma fantasmagórica, e tudo estava completa e perfeitamente silencioso. A lua produzia tal sombra nas estátuas que pareciam adquirir vida própria, apesar de imóveis. Minha visão turva percorreu toda a extensão do cemitério, todas as lápides e túmulos, mausoléus, e esculturas; tudo parecia vivo. Tudo parecia adquirir vida e estavam observando, espreitando e planejando. Porém, tudo no cemitério é morto e sem vida, tudo sugere morte.

Sentindo uma profunda e inexplicável depressão, caminhei pelos lotes, por entre os túmulos, estátuas, pinheiros, estudando os nomes das lápides, que eram dos mais variados tipos, de acordo com a condição social da família do defunto; olhando as fotos dos mortos, quase todos de boa aparência e a maioria idosa, apesar de me surpreender com a quantidade de bebês; também haviam muitos casais juntamente sepultados. Não sei dizer ao certo por quanto tempo caminhei entre túmulos, pois minha consciência se ausentou naqueles momentos, minha mente divagou por pensamentos extraordinários e inexplicáveis, que mortal algum poderia imaginar. Lembrome de ter percorrido grande parte do cemitério, talvez todo ele, dezenas de vezes.

Novamente, ouvi o canto. Agora, parecia um canto melancólico, a voz suave e amável parecia uma lágrima. Um triste e encantador canto de morte. Desta vez, pude seguir a direção do som, mais devido ao feitiço que me prendeu, pois ainda era impossível localizar a origem do mesmo.

Passei pelos túmulos recentes, dei a volta em um mausoléu, percorri as tumbas imponentes – e caras –, e parei em frente um túmulo abandonado e prejudicado pelo tempo. Qual foi meu horror ao finalmente perceber a origem daquele canto mórbido. O canto, a voz fúnebre e cheia de feitiço, vinha de debaixo da terra. Não sei como percebi este fato, mas eu sabia. Aproximei-me do túmulo e me abaixei diante dele. A terra que cobria o caixão já não era tão alta, havia cerca de meio palmo acima do nível do chão. Por cima da terra, uma placa de mármore; vasos quebrados com restos de plantas mortas; castiçais há muito abandonados. As velas e objetos provavelmente haviam sido roubados. A grama nascia ao lado e algumas pequenas flores

desabrochavam e exalavam seu perfume. A lápide, envelhecida, cinza e parcialmente coberta pelo lodo, dizia:

Aqui Jaz Caroline R(apagado pelo tempo)
1920 ~ 1937
Descanse Em Paz
Nós Te Amamos

Seu nome invadiu-me a mente de forma que imaginei que eu já a conhecia, mas seria impossível conhecer alguém morto há setenta anos.

O canto fantasmagórico se transformou em um choro, soluços e então, se calou. Uma neblina sobrenatural e densa tomou conta de todo o lugar, fazendo desaparecer tudo ao redor, exceto o túmulo que eu admirava.

Olhei para a foto oval em preto e branco colada à lapide, protegida por um vidro e circulada com enfeites dourados já desbotados. Envelhecida, a fotografia estava prejudicada, de modo que não era possível ver os olhos e a boca. Minha vista, cada vez mais turva, desviou-se da fotografia e meus olhos começaram a lacrimejar. Esfreguei as pálpebras fechadas com os dedos e procurei me acalmar.

Inconscientemente, estendi minha mão à frente e toquei a foto e uma sensação estranha percorreu todo o meu corpo, uma sensação indescritível, um tanto arrepiante e confortável ao mesmo tempo. Então, no mesmo instante, a placa de mármore que cobria toda a extensão do túmulo, foi atirada para o lado, deixando exposta a terra que cobria o cadáver. Uma mão saiu repentinamente, rasgando a grama, as raízes do capim se enroscavam entre os dedos da criatura que saía lentamente de dentro de sua cova. Abriu o chão sob o qual estava enterrada com as duas mãos, levantou-se e a caveira, sem olhos, parecia fitar-me atenciosamente.

A *criatura* não passava de um esqueleto em término estado de putrefação, até então. Nada de humano sobrara daquela *coisa*, porém, não me amedrontei, ou fugi, tal entorpecido eu me encontrava. A mão esquelética estendeu-se em minha direção, o fedor putrefato invadiu-me o olfato, mas não relutei. Os ossos dos dedos, duros, tocaram-me a face. Súbito, como por magia ou feitiço, ao mesmo tempo em que me tocava, sua forma se transformava, seus ossos voltaram a possuir a coloração viva, a carne se reconstituiu, a pele em seguida a cobriu.

Minha visão, milagrosamente, não estava mais turva, ou melhor, estava melhor do que nunca esteve. Vi o rosto que estava diante de mim. A mão que me tocava a face, antes ossos duros como pedras, era, agora, suave como seda, macia como lã. Apesar de gélida, ela me aqueceu o espírito e a desolação desaparecera por completo. Coloquei minha mão sobre a mão que me acariciava, e o toque, mágico, me enfeitiçou tal como o canto de outrora.

Daniel Cavalcante *codinome_v@yahoo.com.br*

O rosto da criatura, outrora um horrendo esqueleto, assumiu uma forma delicada e gentil. Uma garota, jovem, bela; simples e perfeitamente bela. Os olhos azuis escuros olhavam dentro dos meus profundamente, cabelos negros e lisos, pele clara como a lua que brilhava na imensidão do céu, os lábios finos e bem delineados esboçavam um sorriso encantador e quase materno. Tal beleza é indescritível e inimitável. Era a perfeição personificada. Nada possuía de defeito físico, tudo era perfeição. Sua face brilhava, reluzia, assim como suas vestes brancas e seu olhar atencioso. E brilhava cada vez mais, brilho que não me atacava a visão, ao contrário, a curava.

Lentamente, levei minha mão ao rosto da bela jovem e acariciei-lhe o rosto. Oh, maciez! Oh, fonte do prazer e da pureza! Eu regozijava de felicidade ao poder tocar tão delicada pele, tão adorável rosto. Meus dedos, trêmulos, tocaram-lhe os lábios que sorriram, enquanto ela tocava os meus. Durante aqueles poucos segundos, àquele toque, trocamos os pensamentos mais íntimos, sua alma se uniu à minha e, por instantes, nos tornamos um único ser, uma única consciência, e sabíamos um tudo sobre o outro. Ela me envolveu e me devolveu a paz que há muito havia perdido e eu, de algum modo, dei-lhe a mesma paz, que sequer na morte, encontrara para descansar. Nosso amor preencheu nossas almas com a paz que a psicologia humana desconhece. Uma paz sobrenatural e completamente irracional, por assim dizer.

Ainda olhando-me, carinhosamente, voltou a cantar. Sua voz penetrava meus ouvidos como água cristalina corre em harmonia em seu leito perfeito; a voz era angelical, tal o mais perfeito instrumento musical já criado pelo homem. Nada se compara ao prazer de ouvir tal voz sublime. Meus olhos se fecharam, tal era o prazer em ouvir tão doce e bela voz. O canto, ainda triste, era incompreensível para ouvidos humanos, não sei dizer se pronunciava palavras de alguma língua desconhecida ou apenas emitia sons e notas musicais, mas eu sabia exatamente o que ela dizia. Sabíamos, um o que o outro pensava.

Não faço idéia de quanto tempo durou aquele momento de contato físico e espiritual. Momentos como este costumam, por vias de regra, parecer durar eternidade, quando na verdade não passam de poucos minutos. Mas aquela era uma situação anormal, sobrenatural, além da compreensão humana, além da dimensão em que vivemos. Eu poderia dizer que foram horas, minutos, segundos. Não importa. O tempo nada significa em situações como aquela. Ao terminar o canto, percebi o que aconteceria. Tomei suas mãos nas minhas, beijei-as com todo o meu amor e calor e ela me retribuiu com o mais encantador dos sorrisos.

Então, o inevitável aconteceu. Seu corpo tornou a se transformar em um esqueleto em fase final de putrefação e caiu sem vida em sua própria tumba, emitindo um som abafado e levantando a poeira e os fungos fedorentos. O

silencio voltou a reinar sobre o cemitério, a coruja grunhiu, as cigarras cantaram e a névoa se dissipou. Olhei a lua, que agora se movia vigorosamente rumo ao seu destino, as estrelas voltaram a piscar. Baixei os olhos novamente para o túmulo de minha amada e ele estava intacto, como se nunca houvesse sido aberto, a placa de mármore sobre a terra que o cobria, os vasos quebrados sobre ela, com restos de flores mortas. Tudo voltara à sua ordem natural, exceto o retrato, que agora estava como novo. Podia ver aquele rosto, com todo seu encanto, naquela fotografia recomposta misteriosamente.

Olhei para o relógio de pulso que marcava 00:03 hora. Desolado e inconsolável, levantei-me e retornei para a casa de onde eu saíra. As corujas e cigarras acompanharam-me em uma alegre sinfonia e a lua também me acompanhava em sua trajetória e as estrelas piscavam para mim alegres. Mas nada pode me devolver a paz que o canto de minha amada dera à minha alma.

No dia seguinte, à tarde, voltei ao mesmo túmulo e deixei flores, rosas, margaridas, jasmims. Retirei as flores mortas, troquei os vasos, limpei o lodo da lápide, restaurei o local. As flores jamais morreram.

À noite, retornei ao mesmo lugar, com a esperança de que ela voltasse a se levantar de seu túmulo e me acariciar o rosto, cantar com sua divina voz, olhar-me carinhosamente, mesmo sabendo que não iria se repetir, que fora uma única vez, a esperança me motivava a retornar e me certificar. Mas nada de anormal aconteceu durante toda a madrugada.

E assim tem sido desde então. Todos os dias vou ao túmulo de minha adorada, deixo flores, que se acumulam sem murchar ou secar, toco a fotografia em sua lápide; o toque me restaura o vigor e a energia para viver. À noite, volto, na esperança de que ela volte para mim.

Talvez, no fundo, eu saiba que na verdade eu sempre volto para aguardar meu destino certo. Talvez minha mente saiba que, na verdade, só voltarei a vê-la após minha morte. E eu sei – por Deus, eu sei – que morrerei em frente ao seu túmulo e, com seu canto celestial, Caroline voltara ao mundo dos vivos apenas para me amar, e voltará para me buscar, sorrindo, estendendo suas mãos macias e, juntos, percorreremos o caminho para o além, onde viveremos juntos por toda a eternidade.

Caroline, eu a amo.

Sobre o Autor

Aficionado pelo extinto terror genuíno, Daniel Cavalcante pretende reerguer as pedras das cavernas mais sombrias do horror já expressado na literatura, não se conformando com a banalização do tema e as novas tendências resultantes de conceitos deturpados nas últimas décadas. Daniel tenta desvincilhar o horror sombrio, tétrico e gutural da simples sede de sangue que resulta em filmes e livros que não procuram o medo e o horror, mas sim apenas uma chacina inconsequente e deliberada. Daniel buscou em autores como Allan Poe e Lovecraft (este último sua maior influência) a fórmula e a técnica para criar não apenas uma história de terror, mas também um cenário macabro, personagens problemáticos, fatos sobrenaturais e todo o desconhecido que sempre amedrontou e ao mesmo tempo fascinou o homem. Nascido em São Caetano do Sul, SP, mudou-se logo para Goiás, onde passou toda sua infância e adolescência, fase marcada por sua depressão que o acompanhou desde criança. Era recluso e portador do mal conhecido por fobia social, o que o afastava do contato com pessoas, inclusive de sua família. Mas foi nessa solidão que descobriu seus dons artísticos como as letras e o desenho. Filho de escritor, se interessou desde os 10 anos pela literatura, mas esse interesse foi esquecido devido à depressão. Voltou a escrever apenas aos 20 anos, dois anos depois do divórcio de seus pais e de sua volta à SP, sendo reacendida a chama da paixão pelas letras ao ler Noites Brancas, de Dostoiévsky.

Em seus contos a solidão, a depressão, o desespero, a tragédia e a morte estão sempre presentes. Ao passo que seus personagens enfrentam entidades misteriosas e acontecimentos sobrenaturais, passam também pelo verdadeiro e real horror do homem moderno: a solidão e o desespero. Sofrem calados, morrem solitários.

Atualmente vive em São Paulo, capital, onde trabalha em seu primeiro romance.

Contato:

E-mail: codinome_v@yahoo.com.br

ICQ: 23716449

Site: www.contosdoubtral.cjb.net